



**As tragédias pessoais de Quintiliano na *Institutio Oratoria*:
captatio benevolentiae, interlúdio ou desabafo público? (*Inst. 6*, Proêmio)**

Personal Tragedies in Quintilian's *Institutio Oratoria*:
captatio benevolentiae, interlude or public grievance? (*Inst. 6*, Proem)

Beatriz Rezende Lara Pinton¹

e-mail: beatriz.rlp5@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9004-1759>

Charlene Martins Miotti²

e-mail: charlenemiotti@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4288-0398>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.15261>

Resumo: Neste artigo temos como objetivo apresentar uma tradução do proêmio do sexto livro da *Institutio oratoria* de Quintiliano, analisando as estratégias retóricas utilizadas pelo autor para a comoção do público através do seu relato. No proêmio deste livro, que encerra a primeira metade da obra, Quintiliano expõe os dramas da sua vida pessoal e lastima a morte prematura da esposa e dos dois filhos, em uma narrativa envolvente, trágica e fortemente marcada pelo tom patético. Com base no estudo do texto em latim, nas influências aristotélicas e na bibliografia dos pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema, tentaremos colocar sob suspeita a prerrogativa de que o proêmio seria tão somente um desabafo público de Quintiliano sobre as suas próprias tragédias pessoais, como autor empírico, e procuraremos, para isso, apontar algumas das evidências textuais que nos permitem afirmar que o proêmio deste livro se consolida também como um exercício retórico de aplicação dos ensinamentos prescritos ao longo de seu manual retórico, particularmente no tocante à manipulação das emoções.

Palavras-chave: Quintiliano; *Institutio oratoria*; tragédia pessoal; *páthos*; comoção do público

¹ Licenciada em História e Mestranda em Estudos Literários (Estudos Clássicos) pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil, sob a orientação da Profª. Dra. Charlene Martins Miotti.

² Professora Adjunta de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

Abstract: This paper aims to present a translation of the Proem to the sixth book of *Institutio Oratoria* by Quintilian, analyzing the rhetorical strategies used by the author to move the audience through his narrative. In the Proem to this book, which concludes the first half of the work, Quintilian exposes the dramas of his personal life and cries out for the premature death of his wife and two sons, in a tragic and involving narrative, strongly marked by the pathetic tone. Based upon the study of the original Latin text, the Aristotelian influences and the previous studies of the researchers that had already focused on this matter, we will try to put under suspicion the prerogative that the proem would be only a public outburst written by Quintilian about his own tragedies, as the empirical author. In order to do so, we will attempt to point out some textual evidence that allows us to confirm that the Proem of this book also stands as a rhetorical exercise for the application of the lessons prescribed throughout his rhetorical manual, particularly regarding the manipulation of emotions.

Keywords: Quintilian; *Institutio Oratoria*; personal tragedy; *páthos*; audience commotion



Contextualização

O presente estudo é oriundo da tradução (disponibilizada integralmente ao fim deste artigo) e análise do proêmio do sexto livro da *Institutio oratoria* de Quintiliano, realizadas ao longo de pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre 01/08/2016 e 31/07/2017.

Marco Fábio Quintiliano (30-96 e.c.³) foi um dos mais proeminentes oradores e professores de retórica do período imperial. Sua *opus magnum*, a *Institutio oratoria* (publicada entre 94 e 96 e.c.), não se reduz a um simples tratado retórico, mas apresenta um estudo sobre todo o processo de formação do orador – desde a primeira infância até o afastamento da vida pública. Nos seus últimos anos de vida, consolidado o seu prestígio como orador, foi convocado pelo imperador Domiciano para ser tutor e se encarregar da educação dos seus sobrinhos-netos (LEIGH, 2004, p. 122; Quint., *Inst.* 4, pr., 2). Também neste período, Quintiliano se dedicou a

³ e.c.: era comum.

terminar a *Institutio oratoria*, tendo-a finalizado a duras penas, se pudermos tomar como evidência suas próprias palavras no proêmio à obra. (*Inst.* 6, pr., 14-15)

O proêmio do livro seis, objeto de nosso estudo, se inicia com a profunda desesperança de Quintiliano ao narrar as desgraças que sobre ele se abateram, em meio à escrita da obra. Um relato comovente se segue, marcando as mortes dos dois filhos e da esposa como um divisor de águas na biografia do autor.

Numa primeira leitura, somos tentados a enxergar o proêmio apenas como uma narrativa de contornos autobiográficos, mas Vasconcellos nos alerta para os perigos dessa leitura:

Chamamos de *biografismo* a tendência a interpretar dados de uma obra literária como expressão do autor empírico, sobretudo quando se trata de poesia em primeira pessoa; nessa abordagem, vicissitudes narradas na poesia são interpretadas como relato biográfico; sentimentos expressos são a expressão subjetiva do autor empírico (VASCONCELLOS, 2014, p. 136).

Embora a *Institutio* tenha sido escrita em prosa e não em verso, o proêmio do sexto livro – redigido todo em primeira pessoa, relatando as vicissitudes e os sentimentos do que identificaríamos como o autor empírico – encaixa-se na crítica de Vasconcellos. É intrigante, então, a falta de menções de outros autores romanos, contemporâneos ou posteriores, a estes supostos fatos biográficos. Como costuma ocorrer no estudo sobre literatura antiga, a ausência de referências poderia ser explicada pela perda ou não conservação de manuscritos, ou, ainda, por uma eventual separação político-social entre vida pública e privada na sociedade romana. Mas, por enquanto, dadas as marcas textuais que elencaremos a seguir, confirmar a narrativa de

Quintiliano como um relato meramente autobiográfico⁴ (uma vez que a maior parte dos detalhes conhecidos sobre sua vida são fruto de inferências e especulações⁵) significaria negligenciar o potencial retórico e – por que não? – literário do paratexto⁶ que o autor estrategicamente preparou para introduzir o último livro da primeira metade da obra.

Dentro dessa chave de leitura, evitando os riscos do “biografismo ingênuo”, buscamos analisar o proêmio não como um trecho isolado, sem relação explícita com o resto da obra e o seu teor retórico e educativo, mas como uma parte inerente da proposta oratória de Quintiliano. O livro seis, ao tratar da *peroratio* como a parte final do discurso, também introduz a questão da manipulação dos afetos (*adfectus*). Será neste livro que Quintiliano tratará das emoções e da sua utilização como recurso derradeiro para o convencimento dos juízes. Não seria no mínimo curioso, desta forma, que o proêmio seja tão envolto pelo *páthos* e apele para a compaixão e piedade do leitor, como forma de introduzir um livro cujo tema central é o impacto dos afetos no discurso? Aristóteles, no segundo livro da *Retórica*, abordará as paixões, entre elas a piedade (2, 8, 1385b), e o posicionamento aristotélico, como veremos, tem ecos no proêmio do livro 6 da *Institutio oratoria*.

⁴ Clarke (1967, p. 33), em seu esboço sobre a vida de Quintiliano, nos fornece um esclarecimento sobre o provável encadeamento dos fatos e considera a morte dos filhos e da esposa como fatos biográficos, mas utiliza tão somente o proêmio do sexto livro como aporte, sem referência a outros autores antigos: “During its [*Institutio oratoria*] composition Quintilian’s elder son died in his tenth year. His birth may therefore be dated to about the year 86. As Quintilian’s wife was under nineteen when her second son was born, the latter is unlikely to have been more than a year younger than his brother. The younger boy died at the age of five while Quintilian was engaged on writing his book *De Causis Corruptae Eloquentiae*; this loss followed a few months after the death of his wife. We may therefore, while recognizing that the dates are far from certain, place his marriage in 84, the birth of the children in 85 and 86, and the work *De Causis* in 91, a date which fits in with that already assigned to his retirement, since he is much more likely to have written it after than before that event”.

⁵ Cf. MIOTTI, 2010, p. 26–29.

⁶ Usamos aqui a definição de Genette (2010, p. 15) de paratexto: “[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; *release*, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende”.

Considerando, então, a questão colocada acima e nosso trabalho de tradução, buscaremos elementos textuais que colaborem para o entendimento do proêmio não apenas como um relato biográfico ou um desabafo público, mas como uma peça retórica cuidadosamente pensada por Quintiliano, que serve ao mesmo tempo como um interlúdio, uma *captatio benevolentiae* e, acima de tudo, como uma aplicação prática dos conselhos dirigidos aos jovens alunos de retórica.

Para embasar nossa pesquisa, apoiamo-nos principalmente na tradução para o português do capítulo 2 do livro 6 da *Institutio oratoria*, realizada por Jefferson Pontes (2014); na Dissertação de Mestrado de Rafael Falcón (2015); na tradução portuguesa de Alberto, Júnior e Pena da *Retórica* de Aristóteles (2005) e nos estudos de Sluiter (1994), Katula (2003), Leigh (2004) e Vasconcellos (2014).

Para a tradução, utilizamos o texto em latim da edição crítica de Winterbottom (Oxford, 1970), como reportado na edição italiana de Elena D'Incerti Amadio e Simone Beta (Milão, 1998).

Êthos, páthos e a manipulação das emoções no proêmio do sexto livro

Logo na introdução de seu artigo, Matthew Leigh apresenta a história do cônsul e conquistador da Macedônia, L. Emílio Paulo que, em 167 a.e.c., tendo vencido uma importante batalha em Pidna, ao retornar para casa, se deparou com a trágica morte de ambos os filhos. Em resposta ao acontecimento, Paulo declarou publicamente que suas preces aos deuses tinham sido atendidas, porque antes desejava que uma desgraça se abatesse sobre a sua própria casa que sobre o estado (LEIGH, 2004, p. 122). Aos leitores modernos, ainda que possa parecer uma atitude estranha ao nosso modelo de figura paterna, cabe lembrar que, na sociedade romana, a pátria

estava acima das obrigações com a família e a vida privada, especialmente para um general e homem público, valores eternizados na formulação de Lucílio, no século II a.e.c., em seu poema sobre a virtude.

Virtude, Albino, é atribuir o verdadeiro preço
às coisas no meio das quais nos encontramos, com que vivemos,
virtude é para um homem saber o valor de cada coisa,
virtude é saber o que para um homem é reto, o que é útil, honesto.
o que é bom, bem como o que é mau, inútil, feio, desonesto;
virtude é saber marcar o termo e medida ao ganho,
virtude é ser capaz de fixar o valor das riquezas,
virtude é dar aquilo que por si só é devido à honra,
ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus,
e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons,
a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo;
e, além disso, pôr *em primeiro lugar o bem da pátria,*
em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso.
(1196–1208, frag. 23 Charpin; trad. de Maria Helena da Rocha Pereira, 2009,
grifo nosso)⁷

A resposta de Paulo é a reação esperada dentro dessa sociedade, uma demonstração de virtude e honra, colocando a pátria em primeiro lugar, como recomenda o poeta a Albino.

O que nos chama a atenção é a semelhança da tragédia que, séculos depois, se repetirá com Quintiliano. Ao perder a esposa e ambos os filhos durante o período em que trabalhava na sua obra mais importante, Quintiliano não esconde a tristeza que o subjuga. Recorre ao amigo Marcelo Vitório, lamentando a dor das sucessivas e arrebatadoras perdas, as quais culminam com a morte do filho mais velho, para o seu desespero, uma criança descrita como um prodígio:

⁷ “*Virtus, Albine, est pretium persolvere verum/ quis in versamur, quis vivimus rebus potesse/ virtus est homini scire id quod quaeque habeat res/ virtus scire homini rectum utile quid sit honestum,/ quae bona, quae mala item, quid inutile, turpe inhonestum/ virtus quaerendae finem re scire modumque/ virtus divitiis pretium persolvere posse/ virtus id dare quod re ipsa debetur honori/ hostem esse atque inimicum hominum morumque malorum,/ contra defensorem hominum morumque bonorum/ hos magni facere, his bene velle, his vivere amicis, /commoda praeterea patriae prima putare,/ deinde parentum, tertia iam postremaque nostra.*” (ed. de WARMINGTON. *Remains of Old Latin*, 1938, p. 390)

talentosa e diligente, a imagem encarnada da comunhão entre *ingenium* e *ars*, o sucessor perfeito para um mestre de retórica com o prestígio de Quintiliano.

Essa comparação inquietante entre as duas histórias, ao mesmo tempo sugere, para Leigh (2004, p. 122), que diferentes contextos permitiam códigos de conduta distintos dentro da sociedade romana e que o código de Quintiliano está diretamente ligado ao ambiente dominado pelos tribunais.

Entre estoicos e oradores dá-se um acalorado debate moral sobre o uso da manipulação das emoções, sobretudo para ganhar uma causa diante dos juízes. Quintiliano, irremediavelmente envolvido nesta realidade, também registra a sua opinião sobre a polêmica que a manipulação das emoções suscita, defendendo o seu uso pelos “homens bons” como meio legítimo de ganhar uma causa justa.

Numa sociedade em que as emoções permeiam o público e o privado, num limite tênue e difícil de ser traçado, as suspeitas apontam para que o proêmio de Quintiliano não seja apenas um desabafo público, um momento de intimidade e fragilidade que o professor permite aos alunos entrever, mas sim uma peça retórica, articulada de acordo com os mesmos preceitos ensinados por Quintiliano ao longo da *Institutio oratoria*. Em relação a isso, Leigh é categórico: “Lido em separado do seu contexto, [o lamento] é um tributo emocionado de um pai para o seu filho. Colocado onde está na *Institutio*, é também parte do sistema”⁸.

Numa leitura do *De Oratore*, analisando as disposições de Cícero acerca do *êthos* e de como este deve ser construído pelo orador, Vasconcellos conclui:

⁸ “Read in separation from its context, it is a father’s heartfelt tribute to his son. Placed where it is in the *Institutio*, it is also part of the system” (LEIGH, 2004, p. 136).

A possibilidade de um erro no tratamento da própria *persona* revela que tudo, na prática oratória, é planejado detalhadamente, inclusive a impressão que se deseja transmitir de si mesmo; um discurso deixaria transparecer não a personalidade do autor empírico, mas uma “persona” meticulosamente preparada e ensaiada (VASCONCELLOS, 2014, p. 137).

Não se trata, portanto, de frieza emocional ou de uma tentativa de dissimular e enganar o leitor quanto à “veracidade” das mortes e dos sentimentos que relata. O que importa aqui é a percepção abrangente do proêmio como parte integrante de uma obra maior, com intenções bem definidas de instruir os jovens na arte da oratória, como volta a frisar Quintiliano nas primeiras linhas do proêmio, quando se dirige ao amigo: “Iniciei estes trabalhos, ó Marcelo Vitório, principalmente devido ao teu incentivo e depois supondo que, por meio da nossa obra, a utilidade pudesse alcançar os jovens dedicados” (*Inst.* 6, pr., 1, tradução nossa)⁹.

Somos inclinados a pensar, com base na colocação de Vasconcellos, que o que Quintiliano deixa transparecer no proêmio não é o autor empírico, mas uma *persona*, distinta das *personas* do professor e orador que vinham sendo apresentadas desde o início da obra. Esta é a *persona* do pai (que não está dissociada das duas *personas* anteriores) e que seria a construção do *êthos* mais apropriado para introduzir o sexto livro e a questão das emoções.

Katula (2003) se baseia no livro de George Kennedy (1969), *Quintilian*, para apresentar uma compilação das “regras” que Quintiliano julga que o orador deve seguir durante a peroração e a evocação do *páthos*, no juiz e na plateia. Todas estas “regras” estão contidas no capítulo 2 do livro 6 da *Institutio oratoria*. A segunda “regra” apresentada se refere ao seguinte trecho:

⁹ “*Haec, Marcelle Vitori, ex tua uoluntate maxime ingressus, tum si qua ex nobis ad iuuenes bonos peruenire posset utilitas.*”

Porque, se queremos que essas atitudes sejam verossímeis, devemos ter os mesmos sentimentos daqueles que realmente padecem com eles – que o discurso nasça do mesmo estado de espírito que desejamos provocar no juiz. Como farei sofrer àqueles que me ouvirem, se no que eu disse não houver sofrimento? (Quint. *Inst.* 6, 2, 27, tradução de Jefferson Pontes)¹⁰

Sobre este trecho, Katula reafirma: “O advogado deve imaginar e sentir a emoção ele mesmo. Sinceridade conta. Sinais de emoção fingida podem repercutir contra o cliente. [...] Se ele deseja comover o juiz, ele mesmo deve se sentir comovido” (2003, p. 9-10)¹¹. Convém salientar¹² que, se Quintiliano se pronuncia através do gênero didático, conduzindo seus pupilos à apreciação das melhores técnicas do ofício oratório por meio de uma vasta casuística (este, inclusive, um de seus maiores trunfos para a posteridade¹³), seu próprio estilo não deixa de espelhar, ora de modo mais flagrante (cf., por exemplo, *Inst.* 6, 2, 31), ora discretamente, o esmero retórico que recomenda a seus leitores. Assim, mesmo que o autor se dedique na *Institutio oratoria* ao ensino de retórica e não à apresentação de uma peça oratória propriamente dita, julgamos válido o cotejo das estratégias que Quintiliano explicitou didaticamente no gênero da prosa técnica com as marcas textuais num tipo de escrita mais personalista, próximo ao epistolar, como é o caso deste proêmio (cujos propósitos, vale assinalar, também não estão desprovidos de certa carga preceptística para aquela sociedade).

¹⁰ “*Quare, in iis quae esse ueri similia uolemus, simus ipsi similes eorum qui uere patiuntur adfectibus, et a tali animo proficiscatur oratio qualem facere iudici uolet*” (*Inst.* 6, 2, 27).

¹¹ “The advocate must imagine and feel the emotion himself. Sincerity counts. Signs of feigned emotion may rebound against one’s client. [...] If he is to move the judge, he must be moved himself” (KATULA, 2003, p. 9-10)

¹² Cf. MIOTTI & REZENDE, 2015, p. 54-55.

¹³ Jon Hall (2004, p. 143) ressalta que “é frustrante quão pouca evidência temos sobre as próprias práticas de atuação oratória de Cícero. Enquanto dispomos dos textos de mais de cinquenta de suas orações, poucos detalhes são fornecidos por seus contemporâneos sobre como ele transformou essas palavras em efetivas performances ao vivo. Não menos frustrante é o fato de que o próprio Cícero revela muito pouco sobre essas técnicas em seus tratados retóricos”.

Assumindo então que o proêmio seja uma peça retórica (sem, evidentemente, descartar o possível valor histórico-biográfico da narrativa, o qual não nos cabe julgar), percebemos o claro esforço de Quintiliano em seguir os próprios ensinamentos e em fazer com que os leitores se sintam comovidos com a dor que ele mesmo sente e que parece tão arrebatadora quanto genuína, quando analisamos alguns trechos mais intensos como este a seguir:

Portanto, só me restou uma única coisa a fazer, a melhor: atirar a minha obra desgraçada e o que quer que esteja na minha infeliz literatura sobre a pira funerária prematura do meu filho, em meio às chamas que estavam para devorar o fruto das minhas entranhas, evitando atormentar, ainda por cima, esta ímpia existência com novas incumbências. (Quint. *Inst.* 6, pr., 3)¹⁴

É notável aqui a extensão da dor que Quintiliano ilustra, chegando ao ponto de desejar queimar a sua obra (o trabalho de toda uma vida) na pira funerária do próprio filho. Esta passagem nos remete à lenda de que Virgílio, antes de morrer, pedira aos amigos que o manuscrito da Eneida fosse queimado. (PARATORE, 1983, p. 409). De acordo com Farrell (2005, p. 51), Virgílio considerava a sua obra inacabada e, portanto, não desejava que fosse publicada. Entretanto, Augusto ignorou o último desejo do poeta, publicando-a por volta de 19 a.e.c.

Percebe-se também a força e a crueza da expressão por ele utilizada para se referir ao filho, *uiscera mea*, quase como se ele mesmo tivesse gerado a criança. Oscilando entre parágrafos sombrios de total entrega e entre parágrafos de lucidez e persistência em dar seguimento à obra e deixar o seu legado para a posteridade, Quintiliano é bem-sucedido na construção da sua *persona* para comover o leitor.

¹⁴ “*Vnum igitur optimum fuit, infaustum opus et quidquid hoc est in me infelicium litterarum super immaturum funus consumpturis uiscera mea flammis inicere neque hanc impiam uiuacitatem nouis insuper curis fatigare.*” (*Inst.* 6, pr., 3).

Na terceira “regra” apresentada por Katula (2003, p. 10), ele enfatiza que o orador deve descrever a cena para o juiz e para o tribunal como se de fato a tivesse presenciado. Quintiliano chama essa técnica de *uisiones* e segundo ele, muito se assemelha à ideia de *phantasia* (φαντασία) dos gregos e da *illustratio* de Cícero¹⁵. Aqui, é importante que o orador evoque essas cenas, descrevendo-as de maneira detalhada, para auxiliar na imersão do juiz nessas memórias, a ponto de se sentir comovido e de fazer com que as emoções turvem a sua razão. Assim, uma causa difícil pode ser ganha não pela apresentação das evidências e pelo seu julgamento racional, mas pelo impacto e influência das paixões. *Hoc opus eius, hic labor est* (eis todo o ponto, o trabalho mais duro)¹⁶, considera Quintiliano ecoando Virgílio na narração da catábase de Eneias.

Esta regra também se faz sentir bastante vívida dentro do proêmio, na descrição da morte da esposa e do filho mais novo, mas sobretudo nas cenas que concernem aos últimos dias de vida do filho mais velho, que consola o pai no seu leito de morte:

De fato, com que altivez, com que admiração dos médicos, ele suportou a doença por oito meses. Como me consolou nos últimos momentos! Mesmo quando estava perdendo as forças, e já se desapegava de nós, teve o próprio delírio da mente vacilante sobre a escola e as letras. (Quint. *Inst.* 6, pr., 11)¹⁷

Mais do que a perda de um filho, Quintiliano descreve aqui a morte de um prodígio, uma criança que causa admiração, um exemplo de jovem a ser seguido pelos seus próprios alunos. A descrição dolorosa da morte do menino cumpre um papel retórico importante aqui. Quintiliano perde um filho, um aluno e seu herdeiro, ao mesmo tempo.

¹⁵ *Inst.* 6, 2, 32.

¹⁶ *Aen.* 6, 129, tradução de Carlos Alberto Nunes.

¹⁷ “*Nam quo ille animo, qua medicorum admiratione mensum octo ualetudinem tulit! Vt me in supremis consolatus est! Quam etiam deficiens iamque non noster ipsum illum alienatae mentis errorem circa scholas, litteras habuit!*” (*Inst.* 6, pr., 11).

Como aponta Leigh (2004, p.134), a morte do filho mais velho também é o ponto mais alto de um *crescendo* que vai sendo construído ao longo da narrativa. Quando se refere à esposa, Quintiliano diz que ela não morreu infeliz, pois com dezenove anos já tinha dado à luz dois filhos¹⁸. As entrelinhas do texto nos levam a acreditar que a esposa faleceu por complicações do parto, especialmente numa época em que as ferramentas eram tão precárias e este tipo de acontecimento tão comum. Quintiliano, então, diz preferir o destino da esposa do que aquele que coube a si mesmo: “No entanto, sobrevivendo os filhos e – o que não era justo, mas ela mesma preferiu – estando eu a salvo, ela escapou das maiores torturas com uma partida precoce” (*Inst.* 6. pr. 6, tradução nossa)¹⁹.

De fato, ela já não estaria mais lá para presenciar a morte do filho mais novo, que se dá logo em seguida, a partir da cronologia que Quintiliano constrói. Este filho, de cinco anos, é também descrito como uma criança doce e muito apegada ao pai, que demonstra “doçura no falar” (*iucunditatis in sermone*) e “centelhas de talento” (*ingenii igniculos*)²⁰.

O ápice da narrativa, é claro, acontece com a morte do último filho, o mais velho, referido no texto também como Quintiliano, assim como o pai. A este filho Quintiliano tece elogios infundáveis, o que só torna a morte precoce do jovem mais dolorosa: “Favoreciam-lhe ainda todos aqueles dons naturais: a graça e a clareza da voz, a suavidade no falar e, em qualquer uma das duas línguas, como se tivesse nascido precisamente para isso, uma habilidade proeminente na pronúncia de todas as letras” (*Quint. Inst.* 6, pr., 11, tradução nossa)²¹.

¹⁸ *Inst.* 6, pr., 4.

¹⁹ “*Liberis tamen superstitibus et - quod nefas erat [sera] sed optabat ipsa - me saluo, maximos cruciatus praecipiti uia effugit.*” (*Inst.* 6, pr., 6).

²⁰ *Inst.* 6, pr., 7.

²¹ “*Etiam illa fortuita aderant omnia, uocis iucunditas claritasque, oris suauitas et in utracumque lingua, tamquam ad eam demum natus esset, expressa proprietates omnium litterarum.*” (*Inst.* 6, pr., 10)

São estas qualidades (e muitas outras) do menino que contribuem para a construção da imagem final citada acima, em que nos seus últimos suspiros, a criança procura consolar o pai através dos exercícios retóricos.

Portanto, não podemos perder de vista os contornos retóricos do lamento tecido por Quintiliano, especialmente levando em conta o lugar que o proêmio ocupa na construção estrutural do discurso. O livro seis trata da peroração, ou seja, a parte final do discurso e o momento em que o orador deve não somente recapitular os argumentos levantados ao longo do discurso, mas principalmente comover o júri e colocá-los num estado emocional adequado para que seja concedida uma sentença favorável.

Aristóteles, na *Retórica* (3, 19, 1419b), define quatro elementos para o epílogo: “tornar o ouvinte favorável para a causa do orador e desfavorável para a do adversário; amplificar ou minimizar; dispor o ouvinte para um comportamento emocional; recapitular” (tradução de Manoel Alexandre Júnior, 1998). Mas nos escritos subsequentes de retórica apontados por Leigh (2004, p. 125)²², as quatro funções acabaram por se fundir em apenas duas: a recapitulação ou *enumeratio*, para os romanos, e o apelo emocional, a *conquestio*. Esta última ainda podendo se desdobrar em duas outras categorias – pena e indignação.

Quintiliano cunha outros dois termos distintos e divide a peroração em *conclusio* e *cumululus*, mas segue evidenciando o mesmo papel duplo de recapitulação e apelo emocional atribuído tradicionalmente a esta parte final do discurso. Leigh (2004, p. 125) chama atenção para o uso do termo *cumululus*, que não é usual, mas que se encaixa perfeitamente na visão metafórica de Quintiliano sobre a peroração como o ápice do discurso, o momento em que é

²² Anon. *Rhet.* 1, 2, 388, 15–18 Spengel–Hammer; Rufus 1.2.407.12–15 Spengel–Hammer; Cic., part. 52–60.

necessário investir todo o contingente de estratégias poupadas até então, inclusive o apelo aos afetos, que é descrito como o ponto chave para a vitória de uma causa.

Mais do que uma *captatio benevolentiae*, então, o proêmio é uma espécie de *conquestio*, na qual Quintiliano lança mão do recurso das paixões, manipulando o estado emocional do leitor já no primeiro instante em que começa o capítulo sobre a peroração.

Cabe lembrar que o uso do apelo emocional não era bem recebido no Areópago de Atenas. Em razão disso, proibiu-se que os oradores elaborassem um proêmio e peroração, porque estruturalmente eram consideradas as partes do discurso em que o orador tende a despertar os afetos, o que teoricamente poderia fazer com que o júri tivesse a sua razão obnubilada pelas emoções e ficasse, assim, incapacitado de dar um veredicto apenas baseado nos argumentos (LEIGH, 2004, p. 126). A pergunta que surge na leitura de Quintiliano e outros retóricos antes dele, porém, é a seguinte: as emoções se restringem apenas a campos específicos dentro do discurso ou, na verdade, permeiam toda a construção da argumentação, num nível em que se torna difícil desvencilhar razão de emoção?

Rudd (1964, p. 220) indica que Cícero, Horácio e Quintiliano²³ compartilhavam a mesma ideia de que o orador deve de fato sentir as emoções que tenta imprimir na plateia: se deseja causar sofrimento nos ouvintes, deve também sofrer; se tem por objetivo inspirar a ira, deve sentir-se indignado. No entanto, há uma ressalva a essa indicação, quando se trata do riso. Quintiliano reconhece que o humor pode ser útil, mas deve ser usado de forma calculada pelo orador.²⁴ Para despertar o riso no seu auditório (ao contrário dos outros afetos), é recomendada a

²³ Cf. *De oratore* II, 189–195; *Ars Poetica*, 102–103; e *Institutio oratoria* 6, 2, 27.

²⁴ Cf. MIOTTI, 2010, p. 182.

seriedade do orador: “a seriedade pode acrescentar muita graça a quem profere uma frase, e esta se torna ridícula justamente porque esse que fala não ri” (*Inst.* 6, 3, 26)²⁵.

Sobre a questão moral deste apelo às emoções por parte do orador, Quintiliano ressalta que deve ser empregado por “homens bons”, como forma de ganhar uma causa justa, quando se está perdendo através apenas dos argumentos racionais. Sob a visão de Quintiliano, “o orador deve ser perfeito (*perfectum*), correto (*uir bonus*) e não resumir suas habilidades à perícia no falar (*non dicendi modo eximiam in eo facultatem*), mas estendê-las a todas as potências da alma (*omnis animi uirtutes*)” (FALCÓN, 2015, p. 19).

Quintiliano admite a possibilidade de o orador mentir, desde que a mentira colabore para a justiça e as motivações sejam consideradas justas.

Alega-se também que a retórica faz uso de vícios (coisa que uma arte não pode fazer), ao falar falsidades e excitar emoções. Mas nem uma nem a outra coisa são vergonhosas, quando são feitas por um bom motivo; portanto, não são vícios de modo algum. Contar uma mentira é, às vezes, permitido mesmo ao sábio; quanto a excitar emoções, o orador precisa fazê-lo se o juiz não puder ser levado a uma sentença justa por outros meios. Juízes podem ser homens inexperientes que frequentemente precisam ser enganados, para salvá-los de erros (*Inst.* 2, 17, 26-27, tradução de Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón, 2015)²⁶.

A forma resoluta e abrupta como Quintiliano fecha o lamento e parte para a explicação técnica da peroração, logo na primeira página do capítulo subsequente é um dos elementos que Leigh aponta como decisivo para a percepção desta essência retórica do proêmio:

²⁵ “*gratiae plurimum dicentis seueritas adfert, fitque ridiculum id ipsum, quod qui dicit illa non ridet*” (*Inst.*, 6, 3, 26).

²⁶ *Inst.* 2, 17, 26-27 – “*Vti etiam uitiiis rhetorice, quod ars nulla faciat, criminantur, quia et falsum dicat et adfectus moueat. Quorum neutrum est turpe, cum ex bona ratione proficiscitur, ideoque nec uitium; nam et mendacium dicere etiam sapienti aliquando concessum est, et adfectus, si aliter ad aequitatem perduci iudex non poterit, necessario mouebit orator: imperiti enim iudicant et qui frequenter in hoc ipsum fallendi sint, ne errent*”.

Se a relação geral entre o proêmio para o capítulo 1 do livro VI e a subsequente didática tendem a “desfamiliarizar” Quintiliano como pai, a imediata descontinuidade entre o fechamento do proêmio e a abertura da seção seguinte tem um segundo efeito particular. Crucial aqui é a mudança abrupta no estilo da prosa de Quintiliano. Do tom elevado e emotivo da *conquestio*, nós vamos subitamente para o estudo técnico de termos para a seção final de um discurso e a análise das suas diferentes funções (LEIGH, 2004, p. 136)²⁷.

Assim, notamos o tom de necessidade do autor em enterrar os sentimentos e o luto que ele mesmo constrói e evidencia. Há uma forte interface entre a vida privada, o lamento pessoal de um pai, e a vida pública, o comprometimento de professor e mestre de retórica. Os dois estão aqui retratados, e o pai, em sua dor, de certa forma serve aos propósitos retóricos do mestre de retórica, que melhor do que ninguém poderia sentir as emoções que pretende passar para os leitores.

Aristóteles sobre o *páthos* e a piedade

Se analisarmos um dos mais importantes tratados de retórica da Antiguidade, identificaremos já em Aristóteles uma preocupação com um modelo que descrevesse a arte do discurso e as técnicas utilizadas pelos oradores. Na introdução de Manuel Alexandre Júnior (2005) à *Retórica*, obra escrita entre 350–335 a.e.c., Júnior ressalta que a oratória sempre foi uma arte de grande prestígio e relevância entre os antigos e as suas formas podiam ser tão variadas que os tratados, na maioria das vezes, não eram capazes de abarcar toda a complexidade desses discursos.

²⁷“If the overall relationship between the proem to 6. I and the ensuing *didaxis* tends to defamiliarize Quintilian the father, the immediate discontinuity between the close of the proem and the opening of the ensuing section has a second more particular effect. Crucial here is the abrupt shift in the style of Quintilian's prose. From the high-flown and emotive tone of the *conquestio*, we move suddenly to the clipped survey of terms for the final section of a speech and the analysis of its different functions.” (LEIGH, 2004, p. 136)

A Retórica de Aristóteles não é o produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele convenionados para persuadir e convencer outras pessoas. É, sim, o produto da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração resultante da análise das suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objetivo de ajudar outros a exercitarem-se corretamente nas técnicas de persuasão (JÚNIOR, 2005, p. 16).

Manoel Alexandre Júnior (2005, p. 22) afirma que Quintiliano se apoiará em seus predecessores, tanto gregos como romanos, e nos conceitos cunhados por eles para o estudo da retórica, mostrando grande admiração pela eloquência heroica grega, uma tradição que é encontrada desde Homero, se nos lembrarmos da clássica caracterização de Ulisses com sua inteligência e engenhosidade discursiva.

Não é, portanto, à toa, que o proêmio do sexto livro apresenta ecos das considerações de Aristóteles no segundo livro da *Retórica* sobre o uso das emoções para persuasão do juiz e, sobretudo, sobre a forma adequada de usar a piedade como uma dessas emoções durante o discurso.

No livro 2 da *Retórica*, Aristóteles se propõe a fazer uma descrição detalhada das emoções e de como usá-las, analisando-as uma por uma e categorizando-as. Na sua percepção, é importante que o orador inspire nas pessoas prudência, virtude e benevolência. Essa é a formação do seu *éthos*, ou seja, como ele deve aparentar frente ao público e aos juízes para que seja persuasivo. Da mesma forma, Quintiliano afirma que os oradores devem ser homens bons, e ressalta a importância de apresentar a si mesmo e ao seu cliente como pessoas virtuosas, a fim de inspirar a simpatia e a confiança.

Porém, isso ainda não é suficiente. Aristóteles admite também a função das emoções no discurso, que de acordo com ele são próprias do ser humano, mas que podem ser trabalhadas

pelo orador com a finalidade de moldar o estado de espírito dos juízes e da audiência, tornando-os favoráveis à sua causa, como destacado neste trecho:

Muito conta para a persuasão, sobretudo nas deliberações e, naturalmente, nos processos judiciais, a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes, de modo a fazer que, da parte destes, também haja um determinado estado de espírito em relação ao orador. A forma como o orador se apresenta é mais útil nos atos deliberativos, mas predispor o auditório de uma determinada maneira é mais vantajoso nos processos judiciais. Os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado, ou para o calmo, mas ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza (Aristot. *Ret.* 2, 1, 1337b)²⁸.

Percebemos que Quintiliano compartilha das ideias de Aristóteles sobre o uso das emoções, tendo reservado também um livro inteiro para tratar delas. Para a análise do proêmio, em particular, escolhemos nos concentrar na descrição de Aristóteles para a piedade, que guarda muitas semelhanças com as técnicas oratórias aventadas por Quintiliano. Aristóteles analisa que tipo de coisas são dignas de piedade, quem está propenso a sentir esta emoção e em que disposições a experimentamos. Primeiramente, nos dá a sua definição:

Vamos admitir que a piedade consiste numa certa pena causada pela aparição de um mal destruidor e aflitivo, afetando quem não merece ser afetado e podendo também fazer-nos sofrer a nós próprios, ou a algum dos nossos, principalmente quando esse mal nos ameaça de perto (Aristot. *Ret.* 2, 8, 1385b)²⁹.

²⁸ πολὺ γὰρ διαφέρει πρὸς πίστιν, μάλιστα μὲν ἐν ταῖς συμβουλαῖς, εἶτα καὶ ἐν ταῖς δίκαις, τό τε ποιόν τινα φαίνεσθαι τὸν λέγοντα καὶ τὸ πρὸς αὐτοὺς ὑπολαμβάνειν πῶς διακεῖσθαι αὐτόν, πρὸς δὲ τούτοις ἐὰν καὶ αὐτοὶ διακείμενοί πῶς τυγχάνωσιν. τὸ μὲν οὖν ποιόν τινα φαίνεσθαι τὸν λέγοντα χρησιμώτερον εἰς τὰς συμβουλάς ἐστιν, τὸ δὲ διακεῖσθαι πῶς τὸν ἀκροατὴν εἰς τὰς δίκας: οὐ γὰρ ταῦτα φαίνεται φιλοῦσι καὶ μισοῦσιν, οὐδ' ὀργιζομένοις καὶ πράως ἔχουσιν, ἀλλ' ἢ τὸ παράπαν ἕτερα ἢ κατὰ μέγεθος ἕτερα (Ed. de ROSS. *Ars Rethorica*, 1959)

²⁹ ἔστω δὲ ἔλεος λύπη τις ἐπὶ φαινομένῳ κακῷ φθαρτικῷ ἢ λυπηρῷ τοῦ ἀναξίου τυγχάνειν, ὃκᾶν αὐτὸς προσδοκῆσειεν ἂν παθεῖν ἢ τῶν αὐτοῦ τινα, καὶ τοῦτο ὅταν πλησίον φαίνηται (ibidem).

Portanto, já na própria definição, conseguimos identificar que foi precisamente com este afeto que Quintiliano escolheu trabalhar no proêmio. Não há dúvidas de que o lamento descreve a situação de um pai que se vê atingido por um mal aflitivo e inevitável, o maior e último dos males: a morte. Não é, no entanto, a sua própria morte, mas ainda pior que do que isso. É a morte dos filhos antes da morte do progenitor, o que fere o curso que a natureza deveria seguir e causa também revolta. A leitura do proêmio nos passa a sensação de que ninguém é mais digno de pena do que a *persona* que incorpora aquele lamento. E, como aponta Aristóteles, estão suscetíveis a sentir piedade e compaixão todos aqueles que têm uma família: pais, filhos e esposa, porque estes nos são caros e estão sujeitos a desgraças também. Desta forma, não tememos e nos solidarizamos apenas com o que é passível de acontecer conosco, mas também com os nossos (1385b). Assim, tanto o pai que lê o lamento teme a perda de seu próprio filho e sofre junto com Quintiliano, como o filho que lê o mesmo lamento é confrontado com a possibilidade de uma morte precoce e se compadece do sofrimento do pai.

Aristóteles aponta, ademais, que tudo o que causa destruição também causa compaixão, como a morte e os males causados pela *Fortuna*, sobretudo se as desgraças acontecem repetidas vezes, como é o caso de Quintiliano, que não apenas sofre grandes perdas, mas de maneira sucessiva.

Existem ainda dois elementos em Aristóteles que contribuem para as técnicas de discurso e para a construção do *êthos* do orador em Quintiliano. O primeiro elemento é o entendimento de Aristóteles sobre a necessidade de o orador exprimir a emoção da melhor maneira possível, inclusive lançando mão das suas habilidades gestuais e de “ator”:

Nestas condições, acontece necessariamente que aqueles que reforçam o seu desgosto por meio de gestos, vozes, de indumentária e, em geral, de gestos teatrais, excitam mais a piedade (pois, ao pôr diante dos nossos olhos o mal, fazem que ele apareça próximo, quer como algo que está para acontecer, quer como algo já passado). (Aristot. *Ret.* 2, 8, 1386a)³⁰

O uso das descrições detalhadas do filho em seu leito de morte e da evocação da pira funerária dos entes queridos é uma estratégia retórica fundamental, portanto, na criação dessa conexão entre o leitor e a tragédia relatada, para que as imagens fiquem nítidas e claras em sua mente. Percebemos nestas descrições a utilização do conceito retórico referido por Quintiliano como *enárgeia* (ἐνάργεια), ao qual daremos ênfase mais adiante.

O segundo elemento se encontra na ideia de que sentimos compaixão principalmente quando tragédias acontecem a pessoas honradas. Aristóteles conclui, inclusive, a parte sobre a piedade com as seguintes palavras:

Mas, sobretudo, o que inspira piedade é ver gente honrada em situações tão críticas; é que todas estas coisas, por parecerem tão próximas, causam piedade, uma vez que o sofrimento é imerecido e surge diante dos nossos olhos (Aristot. *Ret.* 2, 8, 1386b)³¹.

A partir dessa noção podemos inferir que a tentativa de suscitar a compaixão no proêmio surte efeito também porque Quintiliano se coloca como um cidadão honrado, alguém que se dedicava aos seus estudos, às suas obras e também à família, construindo seu *êthos* em torno desses valores.

³⁰ “ἀνάγκη τοὺς συναπεργαζομένους σχήμασι καὶ φωναῖς καὶ ἐσθῆσι καὶ ὅλως ὑποκρίσει ἐλεινοτέρους εἶναι ἐγγὺς γὰρ ποιοῦσι φαίνεσθαι τὸ κακόν, πρὸ ὀμμάτωνποιοῦντες ἢ ὡς μέλλοντα ἢ ὡς γεγονότα” (ibidem)

³¹ καὶ μάλιστα τὸ σπουδαίους εἶναι ἐν τοῖς τοιοῦτοις καιροῖς ὄντας ἐλεινόν: ἅπαντα γὰρ ταῦτα διὰ τὸ ἐγγὺς φαίνεσθαι μᾶλλον ποιεῖ τὸν ἔλεον, καὶ ὡς ἀναξίου ὄντος καὶ ἐν ὀφθαλμοῖς φαινομένου τοῦ πάθους. (ibidem)

A *enárgeia* na construção do *páthos*

Nos parágrafos finais do segundo capítulo do livro 6, temos o conceito grego da ἐνάργεια, denominado por Cícero como *illustratio* e *evidentia*, e assim apresentado e definido por Quintiliano:

Segue-se a *enárgeia*, o que por Cícero é denominado de *ilustração* e *evidência*, cujo conceito remete mais à ideia de mostrar do que à de narrar, e suscitará reações não diferentes daquelas que experimentaríamos se tivéssemos presenciado o ocorrido (Quint. *Inst.* 6, 2, 32, tradução de Jefferson Pontes, 2014)³².

Percebemos, portanto, que a *enárgeia* tem como principal intuito evocar imagens mentais nos ouvintes, a fim de que estas mesmas imagens suscitem as emoções de forma mais eficaz do que apenas as palavras. De acordo com Webb (2009, p. 107), a *enárgeia* é mais do que uma figura de linguagem ou um fenômeno linguístico. Ela é uma ‘qualidade’ da linguagem que deriva de algo que vai além das palavras, ou seja, a capacidade de visualizar cenas.

Essas imagens ou cenas são também tratadas por Quintiliano, que as define *phantasiai* (φαντασίαι) para os gregos, e *uisiones*, para os romanos: “O que os gregos chamam de *phantasiai*, a nós convém que chamemos de *uisiones*, – segundo as quais, imagens de coisas ausentes são de tal modo [descritas] que as visualizamos como se estivessem presentes e diante dos nossos olhos” (Quint. *Inst.* 6, 2, 29, tradução de Jefferson Pontes)³³

Logo, o orador deve atingir a *enárgeia* através do uso dessas imagens mentais, as *uisiones*. A *enárgeia*, dessa forma, não é a simples narração (*narratio*) dos fatos. Ela envolve a presença do *páthos* e exige, é claro, que o orador veja e sinta ele mesmo as ações e as respectivas

³² “*Insequentur ἐνάργεια, quae a Cicerone illustratio et evidentia nominatur, quae non tam dicere uidetur quam ostendere, et adfectus non aliter quam si rebus ipsis intersimus sequentur.*”

³³ “*Quas φαντασίαις Graeci uocant (nos sane uisiones appellemus), per quas imagines rerum absentium ita repraesentantur animo ut eas cernere oculis ac praesentes habere uideamur*” (*Inst.* 6, 2, 29).

consequências da situação ou crime que está narrando, para que produza o mesmo efeito no seu público. De acordo com Webb (2009, p. 90), então, a *enárgeia* teria tanto a função representativa de tornar presentes (e de certa forma mais palpáveis) aquelas evidências que estão ausentes, através da visualização das mesmas, quanto a habilidade de comover a audiência e despertar as emoções apropriadas.

É possível perceber no próêmio – nosso objeto de análise – o uso da *enárgeia*, através das descrições detalhadas dos filhos de Quintiliano e de suas habilidades, seguindo uma progressão narrativa que conduz à visualização de imagens mentais: com a iniciação do filho mais velho e depois do mais novo nos estudos de oratória; a morte da esposa; o sucesso de ambos os filhos nos estudos; a relação próxima com o pai; culminando, então, na morte do filho mais novo e logo depois na morte do filho mais velho, com a descrição detalhada dos seus últimos momentos de vida, no seu leito de morte.

Webb (2009, p. 91) se refere à forma mais comum de se atingir a *enárgeia*, citada por Quintiliano e outros retóricos, que é a inclusão de detalhes. É necessário fazer a descrição de diferentes elementos que compõem a cena, tal como as ações, as pessoas envolvidas, o lugar. E uma vez que a *enárgeia* não seria uma ocorrência linguística, Webb a interpreta como um processo psicológico e interno, no qual é essencial que o orador também visualize as imagens que narra (ibidem, p. 92). A intenção é de que o público seja “transportado no tempo”, termo cunhado por Quintiliano como *translatio temporum*³⁴. Ou seja, quando o orador é capaz de colocar tais cenas “diante dos olhos” dos espectadores, eles se sentem como se estivessem presentes no momento da ação, o que ajuda a transmitir a impressão de vivacidade e veracidade.

³⁴ Ver em Quint. *Inst.* 9, 2, 41.

O capítulo 2 termina de forma especialmente sugestiva, ao analisarmos o último parágrafo, que aborda a utilidade de exercícios para atingir a *enárgeia* entre os alunos. O orador – mesmo quando praticando – deve tornar o seu discurso o mais crível e vívido quanto possível, como afirma Quintiliano:

Mas, também na escola, é conveniente estar preparado para essas mesmas ações, fingindo para si que são verdadeiras; isso é ainda mais conveniente na ocasião em que com mais frequência falamos como litigantes do que como advogados: *se representamos alguém que perdeu o filho*, um náufrago ou quem está em grande perigo, qual proveito há em incorporar esses personagens, a menos que assumamos os seus sentimentos?

Essas questões não foram negligenciadas por mim, já que através das quais eu mesmo, tão talentoso quanto sou ou fui, creio ter alcançado alguma reputação: frequentemente fui comovido a ponto de não só as lágrimas me escaparem, mas até de empalidecer e *demonstrar sofrimento semelhante ao genuíno*.

(Quint. *Inst.* 6, 2, 36, tradução de Jefferson Pontes, 2014, grifos nossos)³⁵

Essa passagem pode nos servir como uma indicação de que mesmo que Quintiliano, como orador, fizesse do proêmio tão somente um exercício retórico, não o deixaria de fazer com o rigor de suas próprias regras e que, talvez, de fato, considere que praticou a arte retórica com louvor, tendo-lhe sido útil quando teve de falar como “litigante”, ou seja, em seu próprio nome, sobre as suas tragédias (ao invés de falar por alguém, como “advogado”), no momento em que perdeu os filhos.

De todo modo, a questão continua ambígua, com o desfecho do parágrafo, no qual Quintiliano indica que é capaz de demonstrar sofrimento *semelhante* ao genuíno, devido ao seu talento, que forma a sua conseqüente reputação como mestre de retórica.

³⁵ “*Sed in schola quoque rebus ipsis adfici conuenit, easque ueras sibi fingere, hoc magis quod illic <ut> litigators loquimur frequentius quam ut aduocati: orbum agimus et naufragum et periclitantem, quorum induere personas quid attinet nisi adfectus adsumimus? Haec dissimulanda mihi non fuerunt, quibus ipse, quantuscumque sum aut fui, peruenisse me ad aliquod nomen ingeni credo: frequenter motus sum ut me non lacrimae solum deprenderent, sed paror et ueri similis dolor.*”

Marcas de primeira pessoa no discurso

Ao longo da nossa tradução, percebemos uma grande recorrência de marcas de primeira pessoa no texto, evidenciadas através de pronomes pessoais declinados em todos os casos (27), pronomes possessivos (10) e verbos conjugados em primeira pessoa do singular (23, e entre eles alguns especialmente significativos, que denotam desejo e sentimento, como *uolo* e *iuro*), somando ao todo 60 ocorrências, que consideramos relevantes para uma análise mais detida.

No parágrafo 1 percebemos cinco destas ocorrências, o que nos leva a refletir sobre o tom mais íntimo que essa *persona* de Quintiliano assume logo no início do proêmio, prestes a expor as suas próprias emoções para um amigo (Marcelo Vitório) e, em última instância, ao leitor. Seria um recurso estilístico para marcar o início de um desabafo pessoal?

Os parágrafos 2 e 3, ambos com sete ocorrências, acompanham a mesma lógica de exposição de sentimentos e do lado pessoal da vida do orador. No parágrafo 2, Quintiliano faz a primeira referência ao momento em que o seu trabalho como professor e escritor foi interrompido pela fatalidade do destino, tornando-o improdutivo por algum tempo em relação às suas obrigações profissionais. No parágrafo 3, percebemos nitidamente uma inclinação do autor a largar de vez a produção da sua obra, consumido pela dor e ainda desnordeado.

O maior número de ocorrências se dá no parágrafo 4, e as marcas de primeira pessoa chegam a nove, sendo dois pronomes possessivos (*meorum, meo*), três verbos em primeira pessoa do singular (*possum, tester* e *uiuam*) e ainda quatro pronomes pessoais (*mihi*, que aparece duas vezes; *me* e *mei*). Neste parágrafo, Quintiliano começa a contar sobre as mortes em sua família, dando detalhes sobre a sequência e as circunstâncias de cada uma delas, além de traçar um perfil da mulher e dos dois filhos, descrevendo as suas características e qualidades marcantes. Podemos

talvez estabelecer alguma relação entre a quantidade de marcas de primeira pessoa no texto e o fato de que a partir deste parágrafo é que imergimos com maior intensidade emocional nos desastres que Quintiliano nos narra.

O parágrafo 8 também mostra muitas ocorrências (5), coincidindo com o momento em que o autor conta da sua relação muito próxima e carinhosa com o filho mais novo, que faleceu logo após a mãe.

Na sequência, o parágrafo 10, com seis ocorrências, (entre elas o verbo *uiro*) abarca todas habilidades inatas do filho mais velho, a quem Quintiliano pretendia dedicar toda a sua obra como legado. Os filhos, aparentemente, são o ponto mais fraco do autor, de forma que os seus sucessos e as suas qualidades são motivo de imensa alegria. A sua relação com os filhos, tanto como pai quanto como professor é aparentemente o momento de maior intimidade e é também a parte do autor mais suscetível a emoções.

Há uma queda brusca de ocorrências de marca de primeira pessoa a partir do parágrafo 11 (em que Quintiliano descreve as circunstâncias da morte do filho mais velho, o último membro vivo da sua família). Neste parágrafo temos apenas uma ocorrência e os seguintes não superam a marca de duas ocorrências, até terminar finalmente sem nenhuma, no parágrafo 16. Essa súbita mudança vem acompanhada, já no final do parágrafo 13 e no início do 14 com uma certa obstinação a enterrar todos estes fantasmas e deixar para trás todo o luto, para que possa continuar o seu trabalho.

Com efeito, inutilmente atribuímos todos os males a um crime do destino. Ninguém sofre por muito tempo a não ser por sua própria culpa. Mas vivemos e alguma razão de viver é preciso buscar, acreditando nos homens mais sábios, que consideraram as letras o único consolo frente às adversidades (*Inst.*, 6, pr. 13-14)³⁶

³⁶ “*nam frustra mala omnia ad crimen fortunae relegamus. Nemo nisi sua culpa diu dolet. Sed uiuimus et aliqua uiuendi ratio quaerenda est, credendumque doctissimis hominibus, qui unicum aduersorum solacium litteras putauerunt.*” (*Inst.* 6, pr., 13-14)

Curiosa, portanto, é a ocorrência de sete verbos³⁷ na primeira pessoa do plural nos quatro últimos parágrafos do texto em oposição à diminuição drástica de verbos no singular. Também notamos nestes últimos parágrafos a ocorrência de cinco pronomes pessoais e possessivos da primeira pessoa do plural.

É como se, uma vez atingido o clímax patético, Quintiliano preparasse o leitor para um assunto mais técnico, como o que será abordado na imediata sequência, no capítulo 1, distanciando-se das marcas de “pessoalidade” à medida que resolve encerrar o lamento e o luto.

As marcas de primeira pessoa do plural poderiam então ser um indicativo de afastamento da *persona* do pai para retornar à produção da sua obra e ao posto de orador e professor, dando seguimento ao seu trabalho e escolhendo deixá-lo de legado para os filhos de outros, ou seja, possivelmente para os seus próprios alunos.

Conclusão

A partir da tradução do proêmio do livro seis da *Institutio oratoria* e do estudo do seu conteúdo em relação aos próprios preceitos retóricos que Quintiliano introduz ao longo da sua obra, percebemos que a presença deste proêmio num espaço que marca exatamente a metade da obra não é mera casualidade. Por ocupar este espaço de destaque, o proêmio chama a atenção pelas peculiaridades do seu conteúdo, que mostra quão árdua foi a tarefa de finalizar a obra. O lamento desta *persona* do autor causa impacto sobre o leitor, exortando-o a terminar a leitura dos outros seis livros subsequentes, já que tantos e admiráveis foram os esforços do autor para superar o abatimento de ânimo causado pela tragédia familiar.

³⁷ A saber: *relegamus, uiuimus, coeperamus, erigamus, perseueramus, praeprabamus, relinquemus*.

Ao longo do nosso estudo, percebemos assim a recorrente aplicação das técnicas oratórias descritas por Quintiliano à sua narrativa do proêmio, o que transforma este lamento numa autêntica peça retórica, a despeito de ter ou não base nos dados biográficos do autor empírico.

Não refutamos neste presente estudo a possibilidade de as tragédias da vida pessoal de Quintiliano serem fatos históricos, até mesmo porque isto em nada compromete a construção retórica do lamento. Ao contrário, fortalece o argumento da própria narrativa, se nos remetermos ao que Quintiliano postula sobre o orador precisar sentir ele mesmo as emoções (e, portanto, a dor) que deseja que os outros também sintam. Propomos, apenas, que o proêmio seja lido em seu devido contexto, como parte integrante de um livro de retórica, observando-se os efeitos técnicos produzidos por seu conteúdo e localização, servindo, portanto, às necessidades do orador.



TRADUÇÃO DO PROÊMIO DO SEXTO LIVRO DA *INSTITUTIO ORATORIA*

I. Haec, Marcelle Vitori, ex tua uoluntate maxime ingressus, tum si qua ex nobis ad iuuenes bonos peruenire posset utilitas, nouissime paene etiam necessitate quadam officii delegati mihi sedulo laborabam, respiciens tamen illam curam meae uoluptatis, quod filio, cuius eminens ingenium sollicitam quoque parentis diligentiam merebatur, hanc optimam partem relicturus hereditatis uidebar, ut, si me, quod aecum et optabile fuit, fata interceptissent, praeceptore tamen patre uteretur.

II. At me fortuna id agentem diebus ac noctibus festinantemque metu meae mortalitatis ita subito prostrauit ut laboris mei fructus ad neminem minus quam ad me pertineret. Illum enim de quo summa conceperam, et in quo spem unicam senectutis reponebam, repetito uulnere orbitatis amisi.

III. Quid nunc agam? aut quem ultra esse usum mei dis repugnantibus credam? Nam ita forte accidit ut eum quoque librum quem de causis corruptae eloquentiae emisi iam scribere adgressus ictu simili ferirer. Vnum igitur optimum fuit, infaustum opus et quidquid hoc est in me infeliciam litterarum super in maturum funus consumpturis uiscera mea flammis inicere neque hanc impiam uiuacitatem nouis insuper curis fatigare.

I. Iniciei estes trabalhos, ó Marcelo Vitório, principalmente devido ao teu incentivo e depois supondo que por meio da nossa obra a utilidade pudesse alcançar os jovens dedicados. Ultimamente eu trabalhava também, digamos, por uma certa exigência de uma tarefa atribuída a mim, que sou abnegado, considerando, contudo, alguma contrapartida para minha satisfação, já que eu vislumbrava deixar este livro como a melhor parte da herança para meu filho, cujo talento eminente merecia também um devotado cuidado do pai, de modo que, caso o destino viesse a me subtrair, o que teria sido justo e desejável, ele pudesse encontrar no preceptor um pai.

II. Porém, eu me dedicava a isto dia e noite e me apressava, com medo da minha condição de mortal, e assim subitamente o destino me arruinou, de modo que o fruto do meu esforço não se destinasse a ninguém, menos ainda a mim mesmo. Golpeado mais uma vez pela morte de um filho, perdi aquele para quem imaginava as maiores coisas e em quem depositava a única esperança da velhice.

III. O que farei agora? Ou acreditarei ser útil a mais alguém sendo os deuses contrários? De fato, assim de novo me acontece de ser aniquilado por um golpe semelhante, como o que sofri ao começar a escrever aquele livro que já publiquei, chamado “Sobre as causas da corrupção da eloquência”. Portanto, só me restou uma única coisa a fazer, a melhor: atirar a minha obra desgraçada e o que quer que esteja na minha infeliz literatura sobre a pira funerária prematura do meu filho, em meio às chamas que estavam para devorar o fruto das minhas entranhas, evitando atormentar, ainda por cima, esta ímpia existência com novas incumbências.

IV. Quis enim mihi bonus parens ignoscat si studere amplius possum, ac non oderit hanc animi mei firmitatem si quis in me alius usus uocis quam ut incusem deos superstes omnium meorum, nullam in terras despicere prouidentiam tester? – si non meo casu, cui tamen nihil obicini nisi quod uiuam potest, at illorum certe quos utique inmeritos mors acerba damnauit, erepta prius mihi matre eorundem, quae nondum expleto aetatis undeuicesimo anno duos enixa filios, quamuis acerbissimis rapta fati, <non> infelix decessit.

V. Ego uel hoc uno malo sic eram adfflictus ut me iam nulla fortuna posset efficere felicem. Nam cum, omni uirtute quae in feminas cadit functa, insanabilem attulit marito dolorem, tum aetate tam puellari, praesertim meae comparata, potest et ipsa numerari inter uulnera orbitatis.

VI. Liberis tamen superstibus et – quod nefas erat [sera] sed optabat ipsa – me saluo, maximos cruciatus praecipiti uia effugit. Mihi filius minor quintum egressus annum prior alterum ex duobus eruit lumen.

VII. Non sum ambitiosus in malis nec augere lacrimarum causas uolo, utinamque esset ratio minuendi: sed dissimulare qui possum quid ille gratiae in uultu, quid iucunditatis in sermone, quos ingenii igniculos, quam substantiam placidae et (quod scio uix posse credi) iam tum altae mentis ostenderit: qualis amorem quicumque alienus infans mereretur.

VIII. Illud uero insidiantis quo me ualidius cruciaret fortunae fuit, ut ille mihi blandissimus me suis nutricibus, me auiae educanti, me omnibus qui sollicitare illas aetates solent anteferet.

IV. Com efeito, que bom pai me perdoaria, se sou capaz de avançar nos meus estudos? E quem não teria desprezado esta persistência do meu espírito, se estou fazendo outro uso da minha voz que não seja o de amaldiçoar os deuses por ter sobrevivido a todos os meus e por testemunhar que não há nenhuma providência a voltar os olhos para a Terra? Se não no meu caso – pois objeção alguma pode haver a não ser a de ainda estar vivo –, certamente no caso daqueles a quem a morte condenou antes do tempo e que eram inteiramente inocentes: primeiro me foi tomada a mãe dos meus filhos, que sem ainda ter completado o décimo nono ano de idade, deu à luz dois meninos e morreu, não infeliz, ainda que arrebatada pelo mais amargo destino.

V. Eu estava tão devastado por esta primeira tragédia que já não havia ventura alguma que pudesse me fazer feliz. De fato, ela morre não só tendo exercido toda a virtude possível numa mulher, o que causou ao marido uma dor incurável, mas também na flor da idade, tão moça, especialmente se comparada a mim. [Sua perda] pode ser contada entre as feridas da morte de um filho.

VI. No entanto, sobrevivendo os filhos e – o que não era justo, mas ela mesma preferiu – e estando eu a salvo, ela escapou das maiores torturas com uma partida precoce. Meu filho mais novo, de cinco anos, tendo nos deixado primeiro, arrebatou-me o segundo olho.

VII. Não quero tirar proveito dessas tragédias, nem aumentar os motivos das minhas lágrimas, quem dera houvesse uma forma de diminuí-las! Mas como posso desconsiderar o que ele tenha ostentado de graça em sua feição, o que de doçura [tenha ostentado] no falar, aquelas centelhas do seu talento, aquela natureza branda e (por incrível que pareça) já então complexa da sua mente? Uma criança como esta mereceria um tal amor ainda que fosse filho de qualquer outro.

VIII. Na verdade, foi esta a armadilha do destino para que me torturasse ainda mais. Ele era muito carinhoso comigo e estimava a mim mais do que às amas de leite, mais do que à avó que o criava, mais do que todos que costumam atrair crianças da sua idade.

IX. Quapropter illi dolori quem ex matre optima atque omnem laudem supergressa paucos ante menses ceperam gratulor. Minus enim est quod flendum meo nomine quam quod illius gaudendum est. Vna post haec Quintiliani mei spe ac uoluptate nitebar, et poterat sufficere solacio.

X. Non enim flosculos, sicut prior, sed iam decimum aetatis ingressus annum certos ac deformatos fructus ostenderat. Iuro per mala mea, per infelicem conscientiam, per illos manes, numina mei doloris, has me in illo uidisse uirtutes, non ingenii modo ad percipiendas disciplinas, quo nihil praestantius cognoui plurima expertus, studiique iam tum non coacti (sciunt praeceptores), sed probitatis pietatis humanitatis liberalitatis, ut prorsus posset hinc esse tanti fulminis metus, quod obseruatum fere est celerius occidere festinatam maturitatem, et esse nescio quam quae spes tantas decerpit inuidiam, ne uidelicet ultra quam homini datum est nostra prouehantur.

XI. Etiam illa fortuita aderant omnia, uocis iucunditas claritasque, oris suavitas et in utracumque lingua, tamquam ad eam demum natus esset, expressa proprietas omnium litterarum. Sed hae spes adhuc: illa matura, constantia, grauitas, contra dolores etiam ac metus robur. Nam quo ille animo, qua medicorum admiratione mensum octo ualetudinem tulit! Vt me in supremis consolatus est! Quam etiam deficiens iamque non noster ipsum illum alienatae mentis errorem circa scholas, litteras habuit!

XII. tuosne ego, o meae spes inanes, labentis oculos, tuum fugientem spiritum uidi? tuum corpus frigidum exsanguie complexus, animam recipere auramque communem haurire amplius potui, dignus his cruciatibus quos fero, dignus his cogitationibus?

IX. Por isso, fico agradecido por ter experimentado, poucos meses antes, a dor da perda da sua mãe, que era excelente e estava muito além de qualquer elogio. Assim, há menos razão para chorar por minha causa do que para se alegrar por causa dela. Depois disso, eu me apoiava unicamente na esperança e no contentamento do meu Quintiliano, e isso bastava para o meu consolo.

X. Com efeito, tendo completado dez anos de idade, ele já havia mostrado não apenas os brotos do seu talento, como o primeiro filho, mas frutos evidentes e maduros. Juro pelas minhas desgraças, pelo meu conhecimento vão, por aqueles manes, numes do meu tormento, ter visto nele estas virtudes, não só as da inteligência usadas para compreender as matérias – a ponto de, sendo experiente em muitos assuntos, nada ter conhecido de mais eminente –, não só as virtudes do estudo, que já então não lhe eram forçadas (os professores o sabem), mas as da honradez, da devoção, da humanidade e da bondade, de maneira que se pudesse perfeitamente ter medo diante de tamanho ímpeto, porque se observa que constantemente a maturidade precoce se finda mais depressa, e não sei que tipo de inveja ceifa tão grandes esperanças, para que sem dúvida nossos anseios não extrapolem mais do que aquilo que é permitido ao homem.

XI. Favoreciam-lhe ainda todos aqueles dons naturais: a graça e a clareza da voz, a suavidade no falar e, em qualquer uma das duas línguas, como se tivesse nascido precisamente para isso, uma habilidade proeminente na pronúncia de todas as letras. Mas estas eram ainda expectativas, sendo qualidades já desenvolvidas a constância, a seriedade, a fibra diante das dores e do medo. De fato, com que altivez, com que admiração dos médicos, ele suportou a doença por oito meses. Como me consolou nos últimos momentos! Mesmo quando estava perdendo as forças, e já se desapegava de nós, teve o delírio próprio da mente vacilante sobre a escola e as letras.

XII. Por ventura eu não vi, ó vãs esperanças minhas, teus olhos fatigados e teu espírito fugidio? Tendo abraçado teu exanguie corpo gelido, pude acolher teu último suspiro e conseguir ainda continuar respirando o mesmo ar, digno destes sofrimentos que tolero, digno destes pensamentos?

XIII. Tene consulari nuper adoptione ad omnium spes honorum propius admotum, te auunculo praetori generum destinatum, te [omnium spes] auitae eloquentiae candidatum, superstes parens tantum <in>, poenas: et si non cupido lucis, certe patientia uindicet te reliqua mea aetate; nam frustra mala omnia ad crimen fortunae relegamus. Nemo nisi sua culpa diu dolet.

XIV. Sed uiuimus et aliqua uiuendi ratio quaerenda est, credendumque doctissimis hominibus, qui unicum aduersorum solacium litteras putauerunt. Si quando tamen ita resederit praesens impetus ut aliqua tot luctibus alia cogitatio inseri possit, non iniuste petierim morae ueniam. Quis enim dilata studia miretur quae potius non abrupta esse mirandum est?

XV. tum si qua fuerint minus effecta iis quae leuius adhuc adfficti coeperamus, imperitanti fortunae remittantur, quae si quid mediocrium alioqui in nostro ingenio uirium fuit, ut non extinxerit, debilitauit tamen. Sed uel propter hoc nos contumacius erigamus, quod illam ut perferre nobis difficile est, ita facile contemnere. Nihil enim sibi aduersus me reliquit, et infelicem quidem sed certissimam tamen attulit mihi ex his malis securitatem.

XVI. Boni autem consulere nostrum laborem uel propter hoc aequum est, quod in nullum iam proprium usum perseueramus, sed omnis haec cura alienas utilitates, si modo quid utile scribi, spectat. Nos miseri sicut facultates patrimonii nostri, ita hoc opus aliis praeparabamus, aliis relinquemus.

XIII. Tu, tendo sido apadrinhado recentemente por um cônsul e se aproximado da aspiração à carreira política³⁸; tu, destinado a ser genro de um tio pretor; tu, [esperança de todos os familiares] herdeiro da eloquência ancestral, [deixaste] um pai que sobrevive só para sofrer. E se não tenho vontade de viver, certamente a resiliência te fará jus pelo resto dos meus dias. Com efeito, inutilmente atribuímos todos os males a um crime do destino. Ninguém sofre por muito tempo a não ser por sua própria culpa.

XIV. Mas vivemos e alguma razão de viver é preciso buscar, acreditando nos homens mais sábios, que consideraram as letras o único consolo frente às adversidades. Contudo, se em algum momento este choque recente estiver atenuado de modo que outro pensamento possa ter lugar em meio a tantos lutos, não injustamente eu pediria perdão pelo atraso. De fato, quem teria se espantado com meus trabalhos procrastinados, quando ainda mais espantoso é que não tenham sido abandonados [por completo]?

XV. Então, se as próximas partes da obra forem menos primorosas em comparação às que havíamos começado quando minhas aflições ainda eram mais leves, que sejam atribuídas ao destino inexorável, o qual, de alguma maneira, [mudou] o que havia em nosso intelecto de moderadas capacidades: se não as tiver extinguido, no entanto as debilitou. Mas, precisamente por causa disto, devemos nos erguer mais destemidos, porque se é difícil para nós suportar [este destino], também é fácil rechaçá-lo. Na verdade, nada lhe resta contra mim, tendo me trazido uma triste certeza, embora garantidíssima, de que, todavia, estou livre destes flagelos.

XVI. Entretanto, é justo aprovar o nosso trabalho, precisamente por causa disso, uma vez que nele persistimos já sem qualquer interesse próprio, mas – se o que estiver escrito for útil – todo este esforço se volta para os benefícios de outros. Nós, infelizes, assim como os bens das nossas heranças, preparávamos esta obra para uns (nossos filhos) e deixaremos para outros.

³⁸ *cursus honorum*, de acordo com o *Oxford Latin Dictionary*: a promoção (passagem) de alguém para um cargo superior; carreira. (No original: One's passage through life., etc, esp. towards a higher position; career).

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.
- ARISTOTLE. *Ars Rhetorica*. W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1959
- FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães. *A Educação do orador: Tradução e estudo do livro II da Institutio oratoria*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo, 2015.
- FARREL, Joseph. “The Augustan Period: 40 BC–AD 14”. In: HARRISON, Stephen (Ed.). *A Companion to Latin Literature*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 44-57.
- CLARKE, M. L. “Quintilian: a biographical sketch”. *Greece and Rome*, v. 14, p. 24-37, 1967.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- HALL, Jon. “Cicero and Quintilian on the oratorical use of hand gestures”. *The Classical Quarterly*, v. 54, p. 143-160, 2004.
- KATULA, Richard A. “Quintilian on the art of emotional appeal”. *Rhetoric Review*, 22.1, p. 5-15, 2003.
- LEIGH, Matthew. “Quintilian on the Emotions (Institutio Oratoria 6 Preface and 1-2)”. *The Journal of Roman Studies*, v. 94, p. 122-140, 2004.
- MIOTTI, Charlene Martins. *Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio*. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 2010.
- MIOTTI, Charlene M. & REZENDE, Wagner S. “Literatura e Retórica na *Institutio oratoria* de Quintiliano e no Supremo Tribunal Federal brasileiro”. *Nuntius Antiquus*, v. 11, p. 47-70, 2015.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*. Antologia da Cultura Latina. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 2009.
- PONTES, Jefferson da Silva. *Páthos e êthos no livro VI da Institutio Oratoria de Quintiliano: poesia e drama na peroração*. Trabalho de conclusão de curso. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. “Fingi(dores) de si mesmos: dores fingidas e reais da oratória romana”. *Nuntius antiquus*, Belo Horizonte, v. X, n. 1, jan.-jun. 2014.

- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1983.
- WARMINGTON, E. H. *Remains of Old Latin*. Cambridge: Harvard University Press, 1938.
- WEBB, Ruth. *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*. Farnham: Ashgate, 2009.
- WISSE, J. *Ethos and Pathos from Aristotle to Cicero*. Amsterdam, Hakkert, 1989. Resenha de: SLUITER, Ineke. *Mnemosyne*. Fourth Series, v. 47, Fasc. 2 (Apr. 1994), p. 251-25.

Dicionários:

- Oxford Latin Dictionary. Oxford: At The Clarendon Press, 1968.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

Edições da Institutio Oratoria:

- RODRÍGUEZ, Ignacio & SANDIER, Pedro. *Intituciones Oratorias*. Tomo 1. Madrid, 1916. p. 301-306.
- QUINTILIAN. *Institutio oratoria*. Ed. H. E. Butler. London: Harvard University Press, 1921. 4 v. (*The Loeb Classical Library*).
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tomo II. Ed. Bruno Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- QUINTILIANO. *Istituzione oratoria*. Ed. Simone Beta & Elena D'Incerti Amadio. Milão: Mondadori, 1997.

